

As estrelas do céu

Dois espectáculos que resultam de uma co-produção entre a Expo-98 e o Teatro Nacional de D. Maria II

JOÃO CARNEIRO

QUALQUER destes espectáculos é o resultado de uma co-produção entre a Expo-98 e o Teatro Nacional de D. Maria II, sendo **O Céu de Sacadura** uma encomenda do Festival dos 100 Dias, naquilo que será, porventura, uma das mais felizes vertentes do Festival — o teatro. Talvez por isso ficaram em cena durante um período relativamente curto — apenas **O Céu de Sacadura** é ainda passível de ser visto pelo público, e já em últimas representações.

O JARDIM ZOOLOGICO DE CRISTAL de Tennessee Williams

O CÉU DE SACADURA de Luísa Costa Gomes

Teatro Nacional de D. Maria II

O Jardim Zoológico de Cristal, a peça de Tennessee Williams, é um drama psicológico e familiar. Num pequeno apartamento em St. Louis, Amanda Wingfield vive no pânico de não ver casada a sua filha Laura, uma rapariga introvertida, insegura e fisicamente diminuída. Tom Wingfield, o outro filho, vive no permanente sentimento de



João Carlos Santos

«O Céu de Sacadura»: Luísa Costa Gomes retoma o essencial da biografia do «herói da aviação»

exemplo acabado do optimismo triunfante e, até na mediocridade, a personificação da normal vulgaridade — ou vulgar normalidade — que, mesmo

contudo, esta tensão que se instala dificilmente. Ao longo de toda a primeira parte, o aspecto mais datado da peça acaba por sobressair, talvez por um regis-

desta última, discretamente presente desde o início, explode literalmente no que é um dos mais intensos, comoventes e competentes trabalhos de inter-

gura do austero idealista contra o fundo ridículo e mesquinho da vida nacional, principalmente da vida da política e das instituições; e recria um universo afectivo para a sua personagem, no qual se sobrepõe história privada e história oficial.

Toda esta construção se faz com uma felicidade algo irregular. Os momentos conseguidos, do ponto de vista textual ou dramático — cenas «Não diga a palavra, comandante», «A despedida» ou «Primeiro encontro», por exemplo, alternam com momentos francamente mais débeis, de que «A Noiva Velha» é, talvez, dos mais evidentes.

A encenação, de Nuno Carlinhas, clara e correcta, ressentese destes aspectos. O resultado é um espectáculo desigual, na sua tensão, na qualidade do diálogo, no equilíbrio dramático, tudo isso mais evidente na primeira parte. A cenografia, de João Mendes Ribeiro, forma o quadro certo para este espectáculo bastante conseguido do ponto de vista visual.

O mais interessante é, contudo, o conjunto de intérpretes. Se não se notam desníveis entre os actores, é justo referir, para

frustração de um emprego que detesta, de uma família que depende dele, de uma carreira que não tem. Aliás, a frustração é o sentimento comum aos três membros da família.

Um dia recebem um convidado, a que Amanda, a mãe, se agarra histericamente, na esperança de um casamento para a filha. Depois de um difícil jantar, tudo acaba por se intensificar negativamente. Jim, o convidado, por quem Laura nutria uma paixão desde a escola, é o

seu intencional, não tem tempo para se deixar prender nas suas frustrações ou em passeios por interioridades torturadas.

Diogo Infante encenou e interpretou a peça (Tom Wingfield, o irmão) com um empenho evidente. No cenário eficaz de Catarina Amaro — a náusea existencial apodera-se do espectador só com o olhar para aquele espaço e para aqueles fatos —, tenta instalar a tensão que, na peça de T. Williams, se vai adensando pouco a pouco. É,

to representacional que, por parte de Diogo Infante e de Carmen Dolores, soa, também, desconfortavelmente datado, sendo com dificuldade que se instalava a verosimilhança e a intensidade necessárias. Elas aparecerão, finalmente, no diálogo entre Laura e Jim que ocupa o melhor da segunda parte. Toda a intensidade dramática, toda a verdade da situação e das personagens são admiravelmente transmitidas por Marco Delgado e Sandra Faleiro. A Laura

pretensão a que me foi dado assistir nos últimos tempos.

Com **O Céu de Sacadura**, Luísa Costa Gomes retoma o essencial da biografia do «herói da aviação» — o projecto de viagem de circum-navegação para refazer por ar a viagem de Fernão de Magalhães, as tentativas de angariar fundos para os projectos, o desastre em que desaparece no canal da Mancha, — e reorganiza uma cronologia de acordo com uma lógica dramática e poética; projecta a fi-

além do Sacadura de Fernando Luís, do ministro de António Rama ou das Noivas de Fernanda Alves e Ana Bustorff, o grupo dos «cinco» — Oradores, Basbaques, Comissários, Conspiradores: João Grosso, Marcello Urgoghe, Pedro Martínez, Raquel Dias e Mónica Garnel. Individualmente ou em grupo, com ligeiras diferenças mas com uma qualidade global absolutamente notável, são eles as cinco mais «luzentes» estrelas deste Céu nacional. ■

AGENDA

■ A BONECA FALÍVEL de Cláudia Violante

Uma peça que pretende ser um reflexo da realidade, em que personagens de ficção se fundem com personagens reais, numa linguagem essencialmente simbolista. Produção de Ditirambus — Associação Cultural, com encenação de Cláudia Violante. (Museu da Cidade)

■ CLEPSYDRA a partir de Camilo Pessanha

Primeiro de um ciclo de espectáculos sobre autores portugueses. Adaptação e

encenação de António Pedro Faria, interpretação de A. Pedro Faria, Maria Figueira e Vanessa Ferreira. (Agência 117, R. do Norte. Até 18)

■ NO NATAL A GENTE VEM-TE BUSCAR a partir de Naum Alves de Sousa

O ser humano, as relações com os nossos semelhantes e a rede de preconceitos, tabus e fantasias em que nos movemos. Uma produção de Ditirambus — Associação Cultural, com encenação a cargo de Marco Mascarenhas.

(Teatro Maria Matos. A partir de 15)

E AINDA...

■ ARTE de Yasmina Reza

O sentimento de exclusão em relação a um conjunto de conhecimentos e uma particular utilização da linguagem provocam uma crise nas relações entre três amigos. Com António Feio, José Pedro Gomes e Miguel Guilherme, encenado por António Feio. (JC) (Teatro Villaret)

PORTO

■ PEDRA CICUTA de vários autores

Artaud, Nietzsche, Sha-



«A Boneca Falível» no Museu da Cidade

kespeare e Tchekov foram os autores a partir do quais William Gavião concebeu este espectáculo para duas personagens. Com interpre-

tação pelo grupo C.A.I. R-TE e encenação de William Gavião.

(Sala Estúdio Latino. Até 25)

■ A QUEIMA DO JUDAS criação colectiva

Espectáculo de rua, que pretende recriar «uma manifestação antiga, em que mistérios milenares e longínquos rituais mágicos se aliam à religiosidade cristã». Esta Queima do Judas conta com a participação dos grupos Art'Imagem, Teatro Só e Teatro Bruto, para além dos Mareantes do Rio Douro, Banda Marcial da Foz, Rancho Folclórico do Porto e outros intervenientes, num total de cerca de duas centenas de pessoas. Direcção artística de José Carretas.

(Praça Carlos Alberto. Dia 11 de Abril)